

Crise eleva pobreza e desigualdade em 2009, mas país já se recuperou

FGV indica que índices sociais já voltaram aos bons momentos de 2008

Editoria de Arte

Henrique Gomes Batista

Um estudo da Fundação Getúlio Vargas (FGV) indica que o impacto negativo da crise, que aumentou a desigualdade e a pobreza no começo de 2009, foi anulado no mês passado. Segundo o coordenador do estudo, Marcelo Neri — levando em conta os dados da pesquisa mensal de Emprego (PME) do IBGE realizada nas seis maiores regiões metropolitanas do país (São Paulo, Rio, Belo Horizonte, Salvador, Recife e Porto Alegre) —, o ano de 2009 pode ser considerado como de estabilização.

— Podemos afirmar que 2009 foi um empate com muitos gols. Começamos o ano sofrendo uma goleada, mas conseguimos recuperar — afirmou, lembrando que estes dados podem ser um indicativo da realidade nacional.

A porcentagem da população destas regiões vivendo na classe E — com renda mensal familiar de até R\$ 804 — era de 17,68% em dezembro de 2008. No mês de janeiro de 2009, o número de pobres subiu 6,7%, chegando a 18,87%, atingindo o pico recente em abril, com 18,92%. Entretanto, desde então, este número está decadente e já chega a 17,42% em dezembro de 2009, melhor que no pré-crise.

O mesmo ocorreu no topo social: 15,33% da população destas regiões estavam na classe AB (renda mensal acima de R\$ 4.807) em dezembro de 2008. Mas em janeiro de 2009 houve uma queda de 2,7% nesta classe, e o percentual ficou em 14,91%. No último mês do ano passado, estava em 15,63%. A classe C (renda mensal entre R\$ 1.116 e R\$ 4.807), considerada por Neri a “nova classe média”, representou em dezembro de 2009 53,58%

O que aconteceu com as classes sociais

Evolução nas seis maiores regiões metropolitanas no Brasil (em %)

Período	CLASSE AB	CLASSE C	CLASSE D	CLASSE E
Dez/03	10,66	42,99	16,41	29,95
Dez/04	11,66	47,57	15,50	25,27
Dez/05	13,18	46,72	16,60	23,50
Dez/06	14,07	49,98	14,86	21,09
Dez/07	14,76	51,88	14,14	19,22
Dez/08	15,33	53,81	13,18	17,68
Jan/09	14,91	52,64	13,58	18,87
Dez/09	15,63	53,58	13,37	17,42

Fonte: Professor Marcelo Neri, CPS/FGV

ÍNDICE DE GINI



Indústria ainda ficou abaixo

Efeito da crise: apesar da retomada, todos os indicadores ficaram negativos

• BRASÍLIA. A retomada da atividade industrial não foi suficiente para superar os efeitos da crise financeira internacional. Segundo a Confederação Nacional da Indústria (CNI), em 2009, pela primeira vez desde o início da série histórica (2003), todos os indicadores ficaram negativos em relação ao ano anterior.

— A conta da crise foi paga pela indústria brasileira — afirmou o economista-chefe da CNI, Flávio Castelo Branco.

O nível de emprego no Brasil recuou 3,1% em 2009 em relação a 2008. O faturamento caiu 4,3% e a massa salarial, 1,5%. Já as horas trabalhadas

na produção diminuíram 7,6% em 2009 mas, nos 12 meses anteriores, houve uma alta de 4,8%.

— A indústria começou a se recuperar a partir de meados de 2009 e, em dezembro, as taxas de crescimento foram mais altas. Mas a base de comparação é muito baixa, pois o fim de 2008 foi o auge da crise — explicou Castelo Branco.

Em relação a dezembro de 2008, por exemplo, o faturamento industrial subiu 12,2%, único indicador que superou o nível pré-crise, em setembro de 2008 (11,5%). Também houve alta de horas trabalhadas (4,7%), emprego (0,2%) e massa salarial (0,2%).

da população, 0,4% menor que em dezembro de 2008, quando significava 53,81%.

— A crise impediu que a classe média crescesse mais: 2009 não foi o ano da classe C.

O mesmo ocorreu com a desigualdade. O índice de Gini, que mede a concentração de renda — quanto mais próximo

de um, mais concentrada — estava em um dos seus menores patamares em dezembro de 2008: 0,5778. Com o impacto da crise, que chegou de fato em janeiro de 2009, ele subiu 2,5%, chegando a 0,5922. Mas entrou em rota decrescente e chegou em dezembro de 2009 praticamente ao mesmo patamar de

antes: 0,5779.

Neri acredita que o momento a partir de agora é bom e estima que a desigualdade e a pobreza devem cair nos próximos anos. Para ele, entretanto, será mais difícil repetir os bons números do período de 2003 a 2008, já que agora o cenário mundial não está mais tão favorável. ■